

MERCADÃO: uma viagem do romantismo à modernização. Diário do Povo, Campinas, 23 jun. 1985.

Mercadão: uma viagem do romantismo à modernização

Toda história do Mercado Municipal está registrada num arquivo de recortes de jornais, na Biblioteca Municipal, mas existem ali, trabalhando ainda, pessoas que podem contar sua história e de sua evolução nos últimos 50 ou 60 anos. O mais antigo comerciante do "Mercadão" é o Pachola, nome pelo qual é conhecido Ermínio Garcia, dono do Box Nove — o Bar do Pachola.

Ermínio Garcia, tem 76 anos de idade, dos quais viveu 66 trabalhando no "Mercadão". Seu irmão Hélio Garcia tem história semelhante aos 63 anos, já conta com 50 anos de vivência no dia-a-dia do Mercado. Agora aposentado, por problemas cardíacos, Hélio Garcia não consegue se afastar e está todo dia no Mercado, onde tem muitos amigos.

No tempo da carroça

Hélio Garcia chegou a viver os tempos em que os campineiros iam ao Mercado de carroça ou a cavalo, quando os cavalos ficavam amarrados nas muitas árvores que haviam por perto. "Hoje está tudo muito diferente. Naquele tempo a freguesia era muito menor, as pessoas eram mais simples e menos exigentes", afirma ele, acrescentando que o movimento do "Mercadão" cresceu ainda mais com a instalação do Terminal Um.

A existência da estação ferroviária Funilense — a Estação Carlos Botelho —; da escola que havia onde hoje é o Terminal Um — a escola Correio de Mello; do chafariz e do frigorífico que existiam atrás do Mercado, são algumas das recordações de Hélio Garcia e Luiz Pinheiro.

Mas nem tudo é alegria e as datas dos fatos chegam a gerar apostas para ver quem está certo, como ocorreu quando citavam o caso do "incêndio da Jardineira". Para Hélio, o coletivo pegou fogo em 1.945; já para Luiz, o fato aconteceu no dia 9 de agosto de 1.947. O incêndio ocorreu próximo do "Mercadão" e nove pessoas morreram, contam eles. Hélio diz não ter presenciado o acontecimento, pois estava jogando bocha; mas Luiz, que então era motoneiro da linha de bondes do Cambuí, viu a retirada das vítimas.

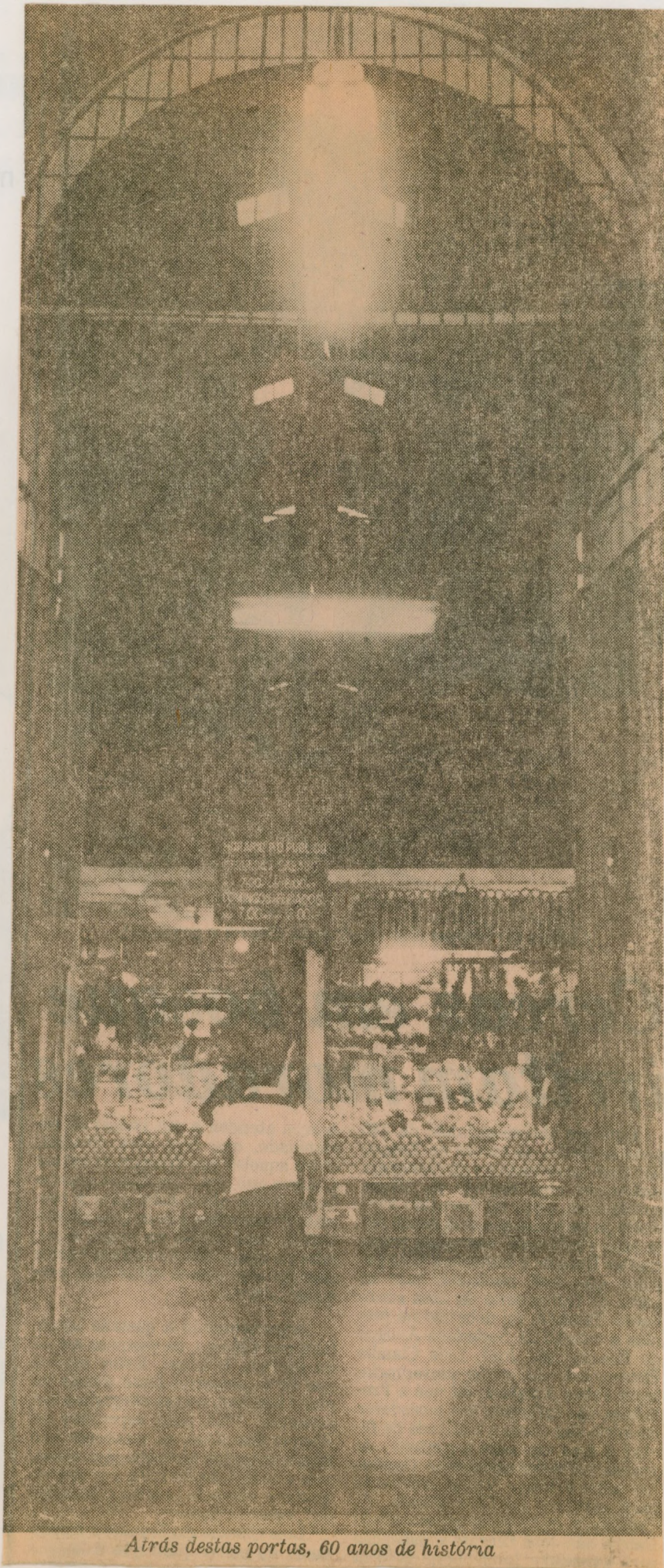
Reduto político

Apesar de tanto tempo de trabalho, da idade avançada, e do alto valor dos boxes no mercado; Pachola não pensa em vender seu bar. Nem mesmo considerando que a crise que o País atravessa atualmente é a mais difícil nos 66 anos de comércio que tem. Apesar de terem recebido boas propostas para vender o ponto, Hélio garante que não poderia fazê-lo, pois estão tão acostumados à rotina do mercado, que não saberiam o que fazer dos seus dias.

O que muita gente não sabe, Hélio Garcia e Luiz Pinheiro contam sem qualquer tom de surpresa: o "Mercadão" é um reduto político nos períodos eleitorais. Segundo eles, o grande número de pessoas que vão ao local é um grande atrativo para os candidatos e para os serviços dos cabos eleitorais. Assim, Hélio Garcia conta que seu bar já teve visitas muito importantes, como a do prefeito e do vice, Magalhães Teixeira e Vanderlei Simionato; do vice-governador do Estado, Orestes Quêrcia; dos deputados federais, Francisco Amaral e Natal Gali; do ex-prefeito Lauro Péricles; e dos vereadores Alduíno Zini, Natal Galassi e Lindemberg da Silva Pereira.



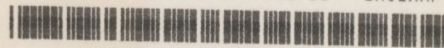
Hélio Garcia



Atrás destas portas, 60 anos de história



Na fachada atual, traços da personalidade do velho Mercado



UM PONTO popular de encontro.
23 jun. 1985.

Diário do Povo, Campinas,

Um ponto popular de encontro

Ele é extremamente popular: serve como ponto de referência para muitas pessoas, em muitas ocasiões e embora seja muito antigo, pois existe há 77 anos, é nele que cerca de três mil pessoas por dia vão buscar frutas e verduras frescas, carne, peixe, adubos, sementes, bijouterias, artigos de umbanda e até mesmo tomar um lanche. Estamos falando do "Mercadão".

Ali, a semana tem sete dias de trabalho, pois nem aos domingos e feriados é de folga. O dia de trabalho começa muito cedo para os comerciantes que começam a chegar por volta de 5h30 e só encerram o expediente após às 19h30, de segunda a sábado, atendendo ao público, das 7 às 18 h, sendo que os açougueiros, por exemplo, aos sábados costumam chegar ainda mais cedo — 3h30 — para dar tempo de arrumar as carnes nas vitrinas. Aos domingos e feriados, embora se trabalhe, o horário é reduzido — o atendimento ao público é das 7 às 12 horas. Um trabalho, que embora cansativo, afirmam os comerciantes, é gostoso e envolvente.

O "Mercadão" é administrado pela Setec, que o controla e fiscaliza. Este controle todavia não se estende a dados como o volume de comercialização; mas Luiz Pinheiro, que há oito anos é o administrador do Mercado tem informações interessantes como o número de caminhões que descarre-

gam as mercadorias que vão abastecer os muitos comerciantes do local.

Grande movimento

Pessoas de todas as camadas sociais fazem compras no "Mercadão" garante Luiz Pinheiro: "vem até gente de Landau". Cerca de 450 carros particulares — dos fregueses — se utilizam diariamente do estacionamento do "Mercadão". Este número, todavia sobe às sextas-feiras para 700 e aos sábados quase alcançam o índice de mil.

Embora possa parecer significativo o número de veículos particulares que vão diariamente ao "Mercadão", eles representam apenas cerca de 30 por cento do total de consumidores, uma vez que a maioria dos clientes chega ali pelos terminais de ônibus. A prova disso, segundo o administrador do "Mercadão" foi uma queda de cerca de 70 por cento nas vendas dos boxes, quando da greve que paralisou o transporte coletivo.

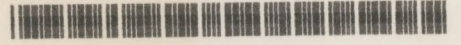
Se não existem números com relação ao volume em dinheiro das vendas realizadas ali, pode-se ter uma idéia aproximada, notando o volume de mercadoria que é descarregada. Na última sexta-feira a Administração registrou a entrada para descarga de 40 caminhões leves (caminhonetes e Kombis) com capacidade para até 1.500 kg; 14 caminhões de porte médio, ou seja para car-

gas até 3 toneladas; e de 17 caminhões pesados, ou seja até 8 toneladas. Entre os caminhões, pesados, cita Luiz Pinheiro, estava uma carreta, com 30 mil kg de carne, para distribuir entre os vários açougues.

Rotina

Além do horário especial, o "Mercadão" tem outras rotinas características. A coleta de lixo é feita duas vezes por dia; internamente o mercado é lavado duas vezes por semana e às terças-feiras, a limpeza é completa, com a lavagem também da parte externa, incluindo a rua Ernesto Kulmann. Carregar e descarregar caminhões também tem sua rotina, ou seja, acontece quase que invariavelmente pela manhã, no horário das 5 às 9 horas, quem ultrapassar este horário "leva cartão", garante Luiz Pinheiro.

O cartão, não é punitivo, é apenas de efeito controlador, pois as descargas que venham a acontecer fora do horário estabelecido são taxadas. Assim, os caminhões que entrem após às 9 horas pagam para a primeira hora no interior do estacionamento 1.500 cruzeiros e a partir daí, a taxa é de 30 cruzeiros por hora. É por esse motivo que Luiz Pinheiro, afirma que fora do horário "leva cartão, que não é vermelho, é branco", pois este cartão vai determinar quanto deverá ser pago.



O CAMELÓDROMO não atrapalha o comércio. Diário do Povo,
Campinas, 23 jun. 1985.

O camelódromo não atrapalha o comércio

À típica paisagem do "Mercadão" foi incorporado mais uma forma de comércio: o "camelódromo", que de maneira alguma interferiu no movimento do mercado, garantem todos, mas acabou por tornar o local um ponto de referência ainda mais recente, e com mais opções de compra. Embora o administrador do "Mercadão" garanta que a segurança é boa, pois além dos fiscais da Setec, trabalham ali policiais à paisana, o que reduziu quase que a zero o número de roubos e crimes, o tradicional mercado é muito usado como ponto de referência: "ele foi assaltado duas quadras pra lá do Mercadão".

O comércio ali é livre, ou seja, não sofre tabelamento de preços como nas feiras livres ou nos varejões; todavia os preços não são altos, pois a concorrência é grande "se a freguesa achar que a mercadoria não está boa, ou que está muito cara, dá alguns passos e compra na banca do lado, o que não acontece nos supermercados". No mercado a lei que vigora rigorosamente "é a da oferta e da procura", garantem os comerciantes.

O que comprar

No Mercadão, as opções de compra são muitas: frutas, ver-

duras, legumes, cereais, frios, carnes variadas, até roupas e muitos outros artigos. O "Mercadão" tem ao lado 143 boxes, e 111 comerciantes, oferecendo emprego para cerca de 300 pessoas, estima o administrador.

O Mercado Municipal tem 46 bancas de frutas e verduras, duas bancas de flores, e duas de fumo e artigos de pesca. As bancas de bijouterias são em treze. A concorrência entre os açougues também é acentuada, pois são ao todo 12, e as peixarias são apenas três. São cinco bazares, quatro mercearias, cinco bancas de secos e molhados, uma bomboniere, quatro lanchonetes, uma casa de vitaminas e sucos e dois boxes de sementes e adubos, uma das quais vende ainda pequenos animais.

O ponto comercial é ótimo, garantem todos, e por esse motivo ninguém pensa em vendê-lo, além de tudo, o aluguel cobrado pela Setec não é considerado alto, um box custa em média para o comerciante Cr\$ 200 mil mensais. Já o custo do ponto é bem diferente, e embora ninguém se arrisque a um cálculo de seu valor, apenas citam que há cerca de um ano e meio, um ponto foi vendido por Cr\$ 35 milhões.